

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
KONRAD WOLF  
20 de Maio de 2025

STERNE / 1959  
("Estrelas")

*Um filme de Konrad Wolf*

Realização: Konrad Wolf / Argumento: Angel Wagenstein / Direcção de Fotografia: Werner Bergmann / Direcção Artística: Hose Sancha / Guarda-Roupa: Albert Seidner / Música: Simeon Pironkov / Som: Erich Schmidt / Montagem: Christa Wernicke / Interpretação: Sasha Krusharska (Ruth), Jürgen Frohriep (Walter), Erik S. Klein (Kurt), Stefan Pejchev (Bai Petko), Georgi Naumov (Blashe), Ivan Kondov (Pai de Ruth), Shtylian Kunev (médico), etc.

Produção: DEFA / Cópia em 35mm, preto e branco, falada em alemão e búlgaro com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 91 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

A história "objectiva" de **Sterne** (ou seja, não a história que o filme narra) é bastante significativa dos imbróglis políticos do seu tempo e contexto. Embora de produção exclusivamente alemã oriental (através da DEFA), foi rodado, pelo menos em grande parte, na Bulgária, com muita participação búlgara (à cabeça, o argumento de Angel Wagenstein, depois tornado relativamente célebre como escritor). A DEFA quis pôr o filme no festival de Cannes, que estava receptivo à sua inclusão mas tinha um engulho diplomático: não podia aceitar filmes em representação de uma nacionalidade (a alemã-democrática) que não era, então, reconhecida pela maioria dos países da Europa ocidental. Então, os produtores alteraram o BI do filme, propondo-lhe a identidade búlgara. Foi como representante da Bulgária que o filme entrou em Cannes 1959, e até levou um prémio, o Prix du Jury. Uma glória que a própria Bulgária acolheu mal, proibindo o filme de ser visto no seu território. **Sterne** é assim o único filme de produção alemã-oriental a ter sido premiado em Cannes, mas em representação de um país que o rejeitou.

Porque é que o rejeitou, é relativamente evidente. **Sterne** mexia num passado recente, a II Guerra, o Holocausto, a colaboração com o nazismo, e se a Bulgária era agora um país politicamente comunista durante o período da guerra tinha sido um aliado de Hitler – a posição oficial do estado búlgaro tentava resolver o problema defendendo que apenas o estado búlgaro se tinha formalmente associado ao Eixo, e que o "povo" tinha permanecido resolutamente anti-nazi. Verdade ou mentira, o filme tem centro na porção do Holocausto que passou pela Bulgária (sobretudo exactamente assim, como sítio de passagem: deportados de outras zonas dos Balcãs ou da Grécia em trânsito para os campos do norte da Europa), envolve algum grau de implicação búlgara no processo, seja lá a que nível for, percebe-se que politicamente fosse indesejável, ou mesmo que o poder o visse como inaceitável.

Também era um tempo em que as representações do passado nazi, e sobretudo dos vários passos do Holocausto, não eram ainda tão comuns como no futuro vieram a ser – para dar um exemplo que vem rapidamente à memória, quando **Sterne** estreou estava Andrzej Munk, na Polónia, a fazer os preparativos iniciais para o **Pasazerka** que viria a deixar incompleto. Notar isto, esta “precocidade”, é também uma forma de realçar que várias das coisas que mostra, sobretudo no desenho de personagens, ainda não eram, em 1959, nem arquétipos consagrados nem clichés. Posteriormente, tornaram-se isso, pelo menos nalgum grau, mas no tempo do filme não se tratava ainda de os repetir nem de os reproduzir – e por isso são injustas algumas críticas de agora ao filme, que não tem culpa que alguns dos seus alicerces narrativos (como Walter, o nazi “sensível”) tenham vindo a ser repisados e mumificados.

É o centro da história, Walter, o oficial que parece “blasé” nas questões da guerra (terá visto demasiado, terá até conhecimento, ou pelo menos uma suspeita forte, de que a maquinaria exterminadora do Holocausto está em pleno funcionamento), e a sua relação com a rapariga judia que vem no lote de prisioneiros em trânsito, Ruth. Relação dorida, cheia de não-ditos, de interditos (o “interdito erótico”: bela cena em que ela o explicita, e esta atriz, Sasha Krusharska, que pouco mais fez além deste filme, tem uma força incrível), um excesso de consciência de parte a parte. O desenho disso ensopa o desenvolvimento lento da relação, depois da primeira parte com a “mise en place” da descrição da aldeia ocupada, das relações entre ocupantes e ocupados, do recorte melancólico de Walter (a cena em que é surpreendido a rabiscar o seu caderninho por um superior hierárquico menos dado a lirismos) e dos seus modos desiludidos e certamente nada crentes. Wolf procura o melodrama, o melodrama histórico, mas sequíssimo, frio, com uma aura de pré-determinação que nunca é traída (a estrutura em flash-back adensa-a, a despedida de Walter e Ruth, os planos dela no comboio, são um belo momento melodramático). Há uma noção de pudor, também: aquele movimento de câmara que correndo a fileira de prisioneiros, detendo-se nos seus rostos, seria “exploração” se não fosse, como fica óbvio a certa altura, um plano subjectivo, correspondente ao olhar do oficial alemão que inspeciona os detidos – faz quase um “efeito Kulechov”. Pormenores destes atestam que o jovem Wolf (34 anos quando fez este filme) já tinha um olhar aguçado, de verdadeiro cineasta.

Luís Miguel Oliveira